



HESPANHA — CIDADE DE ELICHE.

O viajante que, dirigindo-se de Alicante para Murcia ou Carthagena, tem de atravessar um territorio em geral pouco accidentado, monotonico e desaprazivel, debaixo de um sol abrazador, e sobre vehiculos pouco elegantes e incommodos, fica agradavelmente surprehendido, quando, ao aproximar-se da cidade de Elche a paisagem lhe offerece um aspecto original. Grandes matas de palmeiras povoam a campina e as encostas adjacentes; enormes cateiros e aloes guarnecem os vallados. Faltam apenas as caravanas e os camellos para que o forasteiro se julgue transportado ao Egypto; porque até as casas têm, em vez de telhados, terraços como nas cidades de Africa.

Se não fosse esta singularidade de sua situação talvez que Elche (*Illici*), posto que no tempo dos romanos gosasse das preeminencias de colonia, pouca attenção merecesse ao estrangeiro.

Não quer isto dizer que esta cidade seja em todo o ponto insignificante: por quanto Elche conta nada menos de 15:000 habitantes, distribuidos por 2:700 fogos. Tem algumas ruas e praças espaçosas e regulares, com soffrivel casaria, e seis fontes, das quaes uma é de marmore, jorrando a agua por vinte bicas.

Contam-se além d'isso na mesma cidade tres igrejas parochiaes, dous conventos de frades (hoje desertos), um convento de freiras, e um hospital. De todas as igrejas a mais notavel é a de Santa Maria, cujo portal, fabricado de boa pedra, se distingue pela sua architectura caprichosa. A ponte, que a estampa

representa, formada de dous robustos arcos, é uma obra segura, e não destituída de graça. Na praça de Santa Luiza encontram-se algumas inscrições antigas.

O trafego commercial da cidade de Elche é pouco importante; todavia exporta consideravel porção de tamaras, de excellente qualidade, e muita obra de palma.

NAVEGADORES ESTRANGEIROS.

I.

COLON. — CABOT. — VESPUCCIO.

Acabando de resumir em um pequeno quadro as façanhas navaes dos portuguezes, vamos compilar em outra serie de artigos as arriscadas emprezas dos mais ousados navegadores estrangeiros, completando assim um estudo maritimo universal, nos limites de que uma folha periodica dispõe.

Depois das navegações, em grande parte duvidosas, dos escandinavos nos mares do norte, e das explorações dos portuguezes em volta do continente africano, a primeira façanha maritima dos tempos modernos, que a historia aponta, é a descoberta da America por Christovão Colon ou Colombo, genovez ao serviço de Castella.

Nenhum descobrimento importante foi ainda objecto de tão grande controversia como este. A honra de descobrir o novo mundo tem sido disputada a Colombo desde o seculo mesmo da empreza; e a inveja, que perseguiu tenazmente o ousado navegador durante a vida, tem por centenares de annos calumniado a sua memoria.

Quanto a nós, o grande erro em que laboram, tanto os cegos detractores de Colombo, como os seus entusiasticos apologistas, é julgarem que elle *adivinhou* a existencia de um novo mundo. Colon era um espirito superior, um navegante destemido, conhecia a rotundidade do globo, suspeitava a existencia de antipodas, mas não saíu de Hespanha em busca de um novo continente, nem de ilhas desconhecidas; ia demandar a India pela costa occidental; foi a India que julgou descobrir quando na sua terceira viagem aportou ao continente da America; *India occidental* lhe chamou Colombo, e ainda hoje é vulgar essa denominação, e aos indigenas americanos se dá o nome de *índios*. Suppunha elle que a Asia se estendia muito mais para o oriente, e que ainda assim o mundo não era tão grande como depois se verificou. A America, estendendo-se quasi de polo a polo, foi um estorvo áquelle novó caminho da India, que o genovez cria ser mais breve do que dando volta ao cabo da Boa Esperança. Os hespanhoes desdenhavam a America, d'onde não tiravam as riquezas que os portuguezes achavam na Asia; por isso o proprio Colombo, e depois Cabot, Vespuccio, Córte-Real, Magalhães, e tantos outros diligenciaram expressamente achar uma passagem, atravez do novo continente, para as terras maravilhosas que Marco Polo descrevera. Colon, descobrindo a *Hespanhola*, julgava avistar a ilha de *Cypango*, do nobre veneziano, e abor-dando á *Terra firme*, suppunha estar na *Tartaria*.

Nada d'isto, porém, diminue a gloria do ousado piloto, do profundo geographo, que tirou da configuração do globo a sabia conclusão de que devia haver terra e homêns d'aquelle lado do oceano, embora, como dissemos, julgando mais acanhado o mundo, mas dando maiores proporções á Asia, pensasse encontrar a contra-costa do velho continente.

Diz-se que Colombo residiu por algum tempo na Islandia; e como parece fóra de duvida que os navegadores d'este paiz tiveram antigo conhecimento do norte da America, suspeitam muitos que elle adquiriu ali a certeza de que existia um novo mundo. Ha mesmo quem diga que o piloto portuguez Sanches, parente da mulher de Colon, lhe confiara a noticia de uma terra que descobrira ao occidente, desgarrando-se dos Açores em consequencia de um temporal; o que era possível, pois se Colon não descobre a America em 1492, logo passados oito annos, e por mero acaso, Cabral a tinha desencantado. Os Córtes-Reaes, Cabot, e Vespuccio, cada um por sua parte, disputam a Colon a gloria de haver tocado primeiro no continente americano, mas o que nenhum d'elles lhe pode contestar é, que foi o primeiro homem que saiu da Europa em busca de terras pelo rumo do occidente, e que cumpriu a promessa que fizera. Foram as Antilhas que achou, em vez do Japão que buscava, mas se não estivesse no caminho a desconhecida America, teria aportado as ilhas da Oceania, ou da China. Ainda que os islandezes, e depois Córte-Real e Homem houvessem visitado a parte septentrional da America, estas expedições nada quitam á gloria de Colombo; porque o figure foi demandar a terra muito mais ao sul, e nas viagens posteriores á descoberta virado se apartou mais para o austro, isto é, em di-

recção contraria á que elles seguiram. A *adivinhação* de um novo mundo parece-nos só propria para thema de uma epopéa; não cabe nos limites da historia. Como assumpto epico não ha nenhum outro, dos tempos modernos, que possa emparelhar com elle; infelizmente os poemas que temos visto sobre o objecto estão todos abaixo da grandeza da acção. Possuimos inédita uma epopéa portugueza, intitulada *O Novo Mundo*, cujo auctor morreu desastrosamente sem lhe passar a ultima lima; são dez cantos em oitava rima. Como amostra do poema eis a estancia com que abre:

Eu canto o genovez, e a grande empreza
Que este heroe immortal tenta animoso,
Committendo com placida firmeza
Novo caminho aos homens duvidoso:
Acção pasmosa e d'alta fortaleza,
Que faz eterno o nome glorioso
D'aquelle, que sulcando o mar profundo,
Deu ao mundo vetusto um novo mundo.

Não trataremos porém de poesia, nem de suppor, como diz Schiller, que Colon houvesse sonhado a existencia da America, e que Deus fizesse sair das aguas esta nova terra para que o genio não ficasse por mentiroso; não: vamos seguir o intelligente navegador em suas atrevidas expedições, tão gloriosas como pouco lucrativas para elle.

Colombo nasceu perto de Genova, em 1447. (1) Desde a infancia manifestou a mais decidida vocação pela vida do mar. Aos quatorze annos começou a embarcar, e aos quinze já commandava um navio de commercio no Mediterraneo. Em 1474 foi capitão-mór da armada genoveza, que esteve ao serviço de Luiz XI de França contra a Hespanha, contra esse mesmo paiz que, alguns annos depois, receberia d'elle um novo mundo! Mais tarde, combatendo contra uma embarcação veneziana, pegou o fogo em ambos os navios, e Colombo salvou-se a nado, alcançando a costa de Portugal. É a essa catastrophe que o genovez deveu a sua futura gloria.

Admittido no circulo dos intelligentes e ousados navegadores portuguezes, tidos então na conta dos mais habéis e atrevidos do mundo, (2) Christovão discutia com elles a possibilidade de encontrar um caminho que conduzisse directamente á India, sem dar a trabalhosa volta d'África. Tendo casado com a filha de Bartholomeu Perestrello, um dos descobridores da Madeira, passou áquella ilha, e ajudado pelos roteiros de seu sogro, começou a navegar para as Canarias, Açores e Guiné, augmentando a fortuna e os conhecimentos nauticos. Pedro Torrea, parente de sua mulher, lhe contou que havia encontrado a oeste de Porto Santo um madeiro trabalhado por mãos de homem, e outros navegantes disseram igualmente ter achado no mar pedaços de arvores desconhecidas, arrojadas por ventos de oeste. Estas observações fortaleceram as suas conjecturas de que não devia estar muito longe a terra occidental, que contrapezasse o mundo conhecido, e que essa terra era a continuação da India, seguindo assim a opinião de Ctesias, Onesicrito, Plinio o naturalista, e outros antigos, que lhe assignavam uma extensão fabulosa, e ainda a de Marco Polo, que viajou pela Asia no seculo XIII, e que confirma aquellas exagerações, des-

(1) *Vida de Colon*, por seu filho D. Fernando. Amati: nota á *Historia da America* por W. Robertson. Mr. Hombron assigna a este nascimento a data de 1435 ou 1436. Outros finalmente referem-no ao anno 1411.

(2) Campe: *Historia do descobrimento da America*.

crevendo pomposamente o Cathay, Cypango, e tantos outros paizes desconhecidos na Europa, (1) Colombo dirigiu-se a Florença, e consultou sobre o objecto o sabio medico Polo, que ainda mais o animou para tentar o novo caminho da India; d'ahi, tendo rejeitado as suas propostas o senado de Genova, e a côrte de Lisboa, que o tomaram por um visionario, dirigiu-se a Fernando e Isabel, e com a tenacidade do homem emprehendedor, alcançou que lhe dessem tres pequenos barcos para se aventurar no oceano, tendo soffrido previamente grande numero de contrariedades.

A 3 de agosto de 1492 saíu de Palos a esquadri-lha. O novo almirante e vice-rei de todos os mares e terras que descobrisse, embarcou na *Santa Maria*, barco sem coberta, que apenas á prôa e á popa tinha dous castellos onde se recolhesse a gente, e cujo porte não excedia a cem toneladas; o resto da expedição constava de duas embarcações ainda mais pequenas; a *Pinta*, que era commandada por Martim Pinzon, levando por piloto seu irmão Francisco Pinzon; e a *Ninha*, capitaneada por Yanez Pinzon. Levavam mantimentos para um anno.

O caracter do verdadeiro heroe não se desmentiu um só momento em Colon, durante aquella arriscada viagem, e em presença dos obstaculos de todo o genero que teve de vencer. Logo á saída das Canárias começou a sua gente a desanimar (eram ao todo noventa homens, se tanto), e só a impassibilidade do almirante pôde conseguir que fossem adiante. Impellidos pelo vento de leste, os marinheiros clamavam que lhes seria impossivel voltar á Hespanha se aquella direcção se não mudava nunca; assustados com a variação da agulha, seu quasi unico governo, julgavam correr para um abysmo certo e terrivel: por fim revoltaram-se decididamente, e tentaram pela força obrigar Colon a virar na volta da Europa, ou lançal-o ao mar. O heroe teve de ceder, mas alcançou dos amotinados que ainda o seguissem por mais tres dias, e que não apparecendo terra durante esse intervallo, abandonariam a empreza, e voltariam a Hespanha. (2) Colon confiava nos signaes da proximidade da costa, que foram pouco a pouco augmentando: passaros, arvores, e até a sonda achando fundo, lhe indicavam o exito feliz da empreza. Finalmente, ás dez horas da noute de 11 de outubro, distinguiram uma luz pela prôa, e pouco depois da meia noute gritaram de bordo da *Pinta*, que ia adiante: *Terra! terra!*

Que se figure a alegria de Colon e a confusão d'aquelles homens incredulos! Tinham diante de si uma ilha verdejante, como lhes promettêra o genovez; e ainda ignoravam, o que mais era, que a sua ousadia vinha de dotar a humanidade com um novo mundo, tão grande como o antigo!

Ao nascer do sol desembarcou aquelle punhado de aventureiros, ao som de musica guerreira, e com todo o apparatus militar, diante dos indigenas admirados. Colon foi o primeiro europeu que pizon o novo mundo que acabava de descobrir. Todos beijaram aquella terra, pela qual tanto haviam suspirado; alçaram um crucifixo para darem graças a Deus do resultado da viagem, e tomaram posse do paiz pela corôa de Castella e de Leão, com todas as formalidades que os portuguezes costumavam observar em seus descobrimentos (3).

Mal pensavam os reis catholicos, n'esse momento, a tantas leguas de distancia, que alguns hespanhoes capitaneados por um aventureiro da Liguria, os estavam saudando senhores de tão ricas plagas, sobre a formosa ilha de S. Salvador!

O almirante pensou que esta era uma das ilhas situadas pelos geographos no vasto oceano indico, o que se vê dos seus proprios escriptos; seguiu descobrindo outras ilhas, e procurando sempre aonde haveria ouro, chegou a Porto Rico e a Cuba, depois ao Haity, a que deu o nome de *Hespanhola*. Posto que acreditasse estar muito perto do Cathay, descripto por Marco Polo, resolveu voltar á Europa em janeiro de 1493; e, passando incriveis trabalhos no mar, chegou á ilha de Santa Maria, uma dos Açores; entrou depois no Tejo, aonde foi muito bem recebido por el-rei de Portugal; e fundeou novamente em *Palos de muguer* a 13 de março, com sete mezes e onze dias de viagem.

Fernando e Isabel deram o nome de *Indias* ás regiões que vinham de ser descobertas, e concederam a Colon o titulo de vice-rei, hereditario na sua familia.

Pouco depois tornou o almirante a partir de Hespanha, com uma esquadra de 17 navios; e descobriu as ilhas Caraibes e a Jamaica. Na volta para a Europa tentou uma nova derrota, que lhe prolongou muito a viagem, reduzindo-o e á sua gente ao ultimo extremo, e ao perigo de morrerem de fome.

Fez terceira viagem, em 1498, navegando directamente ao sul até quasi ao equador, e d'ahi aroando a oeste, ainda com o projecto de encontrar a desejada passagem para as Indias orientaes, descobriu a ilha da Trindade, e depois a foz do Orinoco, e a costa conhecida actualmente com os nomes de Paria e Cumaná.

Ojeda, um dos hespanhoes que acompanharam Colombo na sua segunda viagem, aproveitou em 1499, a nova derrota do genovez, e seguido de um habil piloto florentino, chamado Americo Vespuccio, percorreu a costa de Paria, sem adiantar nada na estrada dos descobrimentos. Americo, porém, na volta á Europa, escreveu a sua viagem com habilidade e elegancia, attribuindo a si a descoberta da *terra firme*, e o reconhecimento do novo continente, com o que alcançou roubar a Colon a gloria de dar o seu nome ao novo mundo. O genero humano, diz Robertson, deve lamentar-se de que esta injustiça recebesse a sancção do tempo, e que não possa ser reparada. Não se sabe, ao certo, em que anno se começou a dar o nome de America á quarta parte do mundo.

Americo Vespuccio nasceu em Florença em 1451. Fez a sua primeira viagem ao novo mundo, em serviço da Hespanha, desde 20 de maio de 1497 até 15 de outubro de 1498. A 11 de maio de 1499 tornou a sair de Cadiz para o continente americano, aonde visitou as costas da Guiana e de Venezuela. Da sua terceira e quarta viagens, a soldo de Portugal, executadas entre 1501 e 1504, já fallamos em outro logar d'este semanario. (1) Americo voltou depois para o serviço de Castella, e ha quem diga que morreu na ilha Terceira, em 1514, commandando uma esquadra destinada a novas explorações no occidente, e a procurar o caminho para a India, que era tambem o pensamento favorito de Vespuccio.

Ha, porém, ainda outro italiano, que disputa a estes dous a gloria de haver tocado primeiro no continente do novo mundo. É o veneziano João Cabot, ao

(1) Robertson: *Historia da America*.

(2) Ojeda: *Hist. apud Ramosium*.

(3) D. Fernando Colon: *Historia de D. Juan de Roberson: Hist. da America*.

1. Navegadores portuguezes. V e VI.

serviço da Gran-Bretanha, que, segundo o testemunho de muitos historiadores, aportou á terra de Labrador, no norte da America, em 1497.

Vamos copiar de Williams Robertson, auctor inglez, e como tal insuspeito no assumpto, algumas particularidades acerca d'esta viagem. «Os inglezes, diz elle, que formavam o atrevido designio de seguir a esteira de Colon, não eram n'aquella epocha bastante habéis na arte de navegar para com bom resultado o executarem. As naus italianas, hespanholas e portuguezas, bem como as das cidades anseaticas, corriam os portos das mais remotas partes da Europa, em quanto os inglezes não ousavam perder de vista as suas ilhas, transportando de condado a condado, em pequenas barcas, as producções do paiz. O pavilhão de S. Jorge fluctuava raras vezes fóra dos estreitos mares que circumdam a Inglaterra, de modo que, antes do seculo XV, poucas vezes se via uma nau ingleza nos portos de Hespanha ou de Portugal, e só por meados do seguinte seculo se atreveram os nossos navegantes a entrar no Mediterraneo. N'este estado de infancia da navegação ingleza, Henrique VII não podia confiar a seus proprios vassallos a direcção de um armamento destinado a descobrir paizes desconhecidos; deu pois o commando a João Cabot, aventureiro veneziano estabelecido em Bristol, e o auctorisou, assim como a seus tres filhos, para navegarem com pavilhão inglez, ao nordeste ou ao noroeste, em busca de regiões não occupadas por outra potencia christã (1).»

Cabot julgou que indo pelo noroeste procurar o Cathay, acharia um caminho mais curto do que aquelle que Colon diligenciava traçar pelo sudoeste; em maio de 1497 descobriu uma grande ilha, a que deu o nome de *Prima vista*, ou Terra nova, e a 24 de junho a ilha de *S. João*. Continuando a navegar para oeste tocou no continente da America, e veiu explorando a costa desde a terra de Labrador, em cincoenta e seis graus de latitude, até á Virginia, em 38, sem poder encontrar a desejada passagem para oeste. Desde a sua volta a Inglaterra não temos mais noticias de Cabot; seu filho, Sebastião, é que continuou estas viagens de descoberta. O leitor pode pois escolher o descobridor do continente americano entre o genovez, o veneziano ou o florentino, se não preferir o islandez, os nossos Corte-Real, Homem ou Sanches... Não ha mundos para tantos descobridores!

Vamos concluir a respeito de Colombo. Ainda o velho almirante tentou quarta viagem em 1502, saindo de Cadiz no dia 9 de maio, com destino de encontrar o caminho do Oriente pelo sul da America. Compunha-se a sua frota de quatro embarcações, a maior das quaes não chegava a ser de setenta toneladas, muito ronceira, e quasi podre. Assim mesmo descobriu novas ilhas, e explorou grande parte da costa até ao golpho de Darien, buscando inutilmente a suspirada passagem, que estava reservada para Magalhães.

Christovão Colon voltou á Hespanha, e morreu em Valladolid, a 20 de maio de 1506, com cincoenta e nove annos de idade. Foi um dos maiores homens do seu seculo, e um dos primeiros navegadores do mundo.

F. M. BORDALO.

Louvar o esforço alheio é de alma nobre; é até por vezes um rigoroso dever de justiça.



OS CROATAS.

II.

No primeiro artigo demos succinta noticia dos costumes mais curiosos dos habitantes da Croacia propriamente dita. Agora forcejaremos por apresentar uma idéa, quanto ser possa, exacta da organização politica da parte da Croacia chamada militar, organização que não tem modêlo na Europa, nem talvez no mundo.

A Croacia militar é uma das provincias mais orientaes da Illyria; confina com a Turquia de Europa, e serve por aquelle lado de baluarte ás possessões austriacas. A proximidade de um povo, differente pelos costumes e pela religião, e sempre prestes a effectuar violentas depredações no territorio visinho, e a frequencia das molestias contagiosas na Turquia, obrigaram os croatas, desde seculos, a empunhar sempre as armas, já para se defenderem de quaesquer aggressões, já para evitarem a importação de perigosas enfermidades. D'aqui nasceu a necessidade de um regimen tão energico e severo que tivesse os croatas constantemente dispostos, e em boas condições, para combater com vantagem contra raças aliás mais numerosas, e igualmente aguerridas.

O croata deve estar prompto a pegar em armas, abandonando o lar domestico; assim este povo menos carece de magistrados que de officiaes que os saibam conduzir aos campos de batalha. O croata manja com a mesma mão a espingarda e a charrua. Leis civis e criminaes não as conhece; para elle só existe a disciplina militar; lavra os seus campos, e executa os exercicios bellicos, á voz de commando.

A acção dos seus chefes abrange tudo; vigiam o modo de viver das familias, o emprego das riquezas, e a direcção da industria de cada um. N'uma palavra a Croacia militar parece-se com um vasto quartel, cujos habitantes não têm, e não podem ter actividade senão a que lhe communica o absoluto alvedrio dos seus superiores.

Este regimen, apesar de severo, dá aos croatas um caracter de orgulho que se não observa nos outros povos da Illyria. Intitulam-se a si proprios *homens de guerra, homens livres*; levariam muito a mal que

(1) Hist. da America, vol. IV, livro IX.

lhes chamassem paizanos; nem facilmente se sujeitariam á auctoridade de um homem, que não fosse militar.

A divisão politica é baseada sob idéas puramente militares; repartiram-na em seis regimentos, que correspondem a outros tantos districtos. Toda a população está allistada n'estes regimentos, porque as familias que a compõem foram primitivamente dotadas pelo soberano, que concedeu a cada uma certa quantidade de terras, em compensação do serviço pessoal que era obrigada a prestar, bem como os seus descendentes. Cada regimento comprehende cêrca de quarenta e cinco a cincoenta mil almas, repartidas por umas cem villas, aldeias ou logares, que constituem o districto de um regimento. Ha uma classe de individuos, que são burguezes, e não estão sujeitos a nenhum serviço militar; mas o seu numero é mui limitado, compondo-se apenas de estrangeiros domiciliados no paiz, ou de nobres privilegiados. Além das terras concedidas a cada familia, os regimentos receberam em bens de raiz uma dotação consideravel para supprir as despezas communs. Aquellas propriedades são inalienaveis, e nenhuma familia pode vender a porção que exceder as suas necessidades, sem licença do governo, que raras vezes se obtem.

As familias vivem reunidas, comem em commum, e vestem de pannos fabricados pelas mulheres do paiz. Cada casal tem sua cabana especial; mas os que pertencem á mesma aldeia, reúnem-se ás horas da refeição. O mais velho dos homens é de ordinario o chefe e o éconômico d'estas familias assim reunidas, que o tratam com a maior deferencia.

Cada regimento é commandado por um coronel, que exerce ao mesmo tempo a auctoridade superior civil e militar. Reside sempre na povoação mais importante do districto, e é auxiliado nas suas funções pelos capitães das doze companhias do regimento, que formam outros tantos districtos particulares.

Os capitães correspondem aos nossos administradores de concelho, assim como os coroneis aos governadores civís.

As companhias, que são apenas a associação de algumas aldeias, distinguem-se pelo nome da mais importante, fixando o capitão ali residencia. Os tenentes e alferes, assim como os officiaes inferiores da companhia, estão repartidos pelas outras aldeias, onde exercem, sob a vigilancia do capitão, funções analogas ás dos nossos regedores de parochia.

Os officiaes são juizes, no criminal como no civil. As faltas leves, pune-as immediatamente o chefe; mandando dar no delinquente vinte e cinco até cem bastonadas. Quando o delicto é mais grave, conduz-se o criminoso ao tribunal regimental, que é um verdadeiro conselho de guerra, composto do coronel, de varios officiaes, e mesmo de alguns sargentos e soldados. Este tribunal julga sem appellação todos os crimes a que não corresponde a pena de morte; e a sentença é executada logo. No caso em que tem logar a pena capital o processo é remetido a um tribunal superior, que reside em Agram, para ali ser examinado. Se este confirma o julgamento, assim o communica ao primeiro tribunal, que manda executar a sentença; mas se a annulla, então instaura-se novo processo, sendo nomeados para esse effeito outros juizes.

Em materias civís, quaesquer contestações são elevadas ao conhecimento do tribunal da companhia, presidido pelo capitão; este tribunal decide a questão, ou remette o processo para o do regimento, caso exceda a sua alçada. A parte condemnada pode

appellar para o tribunal regimental, e depois de segunda sentença é-lhe licito ainda dirigir-se ao de Agram, que julga ordinariamente em ultima instancia.

Todos os bens que pertencem aos regimentos, como terras, matas, moinhos etc, são administrados por officiaes escolhidos d'entre os do regimento, e que, por este motivo, se chamam officiaes économos. Todos os officiaes e officiaes inferiores recebem soldos, que lhes são pagos pelos fundos dos regimentos. O soldado croata esse não recebe pret, bastando-lhe para se sustentar e a sua familia o rendimento das terras que lhe são concedidas.

A Croacia militar pode em verdade considerar-se como o acampamento de um exercito sempre prestes a marchar para a guerra. A sua organização é mui semelhante á das legiões romanas, que se collocavam nas fronteiras, para as defender das invasões dos bárbaros, e que recebiam do estado terras cujo producto era applicado á sustentação dos soldados e suas familias. Deve porém dizer-se que a organização da Croacia é ainda, até certo ponto, mais severa.

Um tal regimen todavia só pode convir a povos pobres e semi-barbaros, cuja intelligencia e actividade carecem de ser dirigidas pela auctoridade dos chefes. É indubitavel tambem que semelhante systema deve inutilisar toda a tentativa de aperfeiçoamento moral ou material, conservando as povoações a elle sujeitos n'um estado que não faz consideravel differença do barbarismo.

Eis, em poucas palavras, o que ha de mais interessante sobre a Croacia. Depois de 1848, epocha em que os croatas desenvolveram uma tão extraordinaria energia, a sua organização politica foi um pouco melhorada: e é de esperar que a Austria a modifique successivamente, até a fazer entrar no direito commum.

A ESTATUA DE ESTANHO.

II.

Quando João entrou no pateo ouviu grande murmurinho de vozes. A porta da cavallariça descobriam-se alguns vultos. De repente appareceu Isabel com uma lanterna na mão. João não pôde então conter-se que não soltasse um grito de surpresa: acabava de reconhecer o velho mordomo de sir Williams.

— Por aqui, sr. Peters? exclamou o caseiro. Grande novidade temos... Deus queira que não seja triste!

— Pelo contrario, replicou o velho servo a rir; annuncio-te a chegada do patrão.

— Sir Croffort?

— Deve estar aqui dentro em poucos dias; eu vim para fazer preparar e acciar os aposentos... Dá-me as chaves do castello.

— As chaves! repetiu Stamps, um pouco perturbado. Desculpe, sr. Peters; mas, a proposito... primeiro ha de precisar comer alguma cousa.

— Nada, nada; depois trataremos d'isso... Dá-me as chaves, já te disse.

— É que... eu não sei... É preciso que as vá procurar... balbuciou Stamps, tão hallucinado que não reparava que as tinha enfiadas no braço.

O mordomo mostrou-lh'as, e quiz-lh'as tirar; mas o camponeo recuou, porfiando que era inutil abrir logo o castello, e gritando com quanta força podia á mãe, que puzesse a meza para o sr. Peters.

— Diabo de teimoso! Já te disse que quero abrir

os quartos para miss Helena! bradou o ancião, impaciente.

—Miss Helena... vem também! disse João, recuando um passo.

—Lá está com tua mãe; e não tarda por ahí... Anda, maluco, não me demores mais; depressa, as chaves!

E ia a deitar-lhe as mãos para lh'ás arrancar; mas o caseiro continuava a recuar, gaguejando algumas desculpas. Quando o mordomo começava de zangar-se seriamente, miss Helena, saindo da cavallariça, disse:

—Deixa-o Peters; eu abrirei as portas. Vae tratar dos cavallos, e vigia que nada lhes falte. João, pega na tua lanterna, e segue-me.

Estas ordens foram dadas com modo tão laconico e imperioso que não admittiam replicas. O mordomo entrou pois para a cavallariça, e o caseiro seguiu cabisbaixo sua joven ama.

Calados um e outro dirigiram-se ao castello. Miss Helena deixou-o abrir a porta, fez-lhe signal que passasse adiante para a allumiar; depois fechou a porta, e bateu no hombro do seu guia: este estremeceu.

—Stamps, meu primo está aqui! disse miss Helena, commoyida, e em voz baixa.

—Vosso primo! repetiu o rustico, fazendo-se de novas.

—Sei-o muito bem! tornou ella; acabo de ver na cavallariça um cavallo muito suado... As respostas evasivas de Isabel já me tinham feito suspeitar alguma cousa; aproximei-me, e reconhece nas chapas prateadas do freio as armas dos Lennark. Elle está aqui... Não me occultes nada; porque n'isso vae a sua vida!...

—Visto que miss Croffort julga... quero dizer, sabe... confessarei a verdade... Sir Ricardo chegou ha menos de uma hora... n'um estado que mettia dó.

—Não está elle ferido? acudiu com muito interesse a donzella.

—Nada, lá isso não... mas creio que vinha de muito longe... Apenas entrou, deitou-se, e adormeceu, de cansado...

—E aonde?

—Na bibliotheca.

Miss Helena abaixou a cabeça, como para reflectir; passado porém breve intervallo, disse:

—Muito bem: volta para casa... E entrem lá o Peters em quanto eu não te prevenir... Deixa-me ficar a lanterna... Adeus!

E n'estes termos foi conduzindo brandamente o caseiro para a porta, que este ouviu depois fechar a duas voltas.

A idéa de que seu primo estava ali, confiado á sua prudencia, causara ao principio em miss Helena uma especie de alegria febril. Destinada a sir Ricardo desde a infancia, affeição-se-lhe sincera e estreitamente; em seus sonhos de donzella, conformes aos projectos de sua familia, o gentil primo tinha sempre uma parte interessante. Posteriormente, quando as paixões politicas separaram seu pãe d'aquelle que ha tanto tempo considerava como o futuro companheiro da sua vida, resignára-se ás crueis necessidades do presente sem cousa alguma sacrificar do antigo affecto. De resto sir Croffort deixára-a a este respeito em ampla liberdade, não lhe fallando nunca de Ricardo, nem da união combinada. No primeiro momento, não lhe pareceu pois que houvesse inconveniente algum em tornar-se ella a guarda de seu primo, aproveitando esta situação especial para o reconciliar com seu pãe; mas, reflectindo melhor, o nego-

cio não se lhe affigurava tão facil. O silencio de seu pãe não era auctorisação sufficiente para renovar relações, que estavam talvez rotas para sempre. A precipitação com que sir Croffort requerera para si proprio os bens confiscados ao sobrinho, não era de certo um bom precedente. Helena devia provavelmente encontrar o ultimo em disposições pouco lisonjeiras relativamente a seu pãe. A obediencia á vontade de sir Williams, que ignorava ainda, e o cuidado da propria dignidade, pareciam todavia oppor-se a que se apresentasse desde logo ao fugitivo.

Mas devia ella por isso abandoná-lo á unica guarda de João Stamps e de Isabel, cuja imprudencia podia compromettel-o. O coração e a consciencia bradavam-lhe — não; e pareceu-lhe que conciliaria todos os seus deveres, communicando o succedido a sir Croffort, de quem esperaria a resposta, e velando entretanto sobre o proscripto, sem que se suspeitasse sequer que ella existia debaixo do mesmo tecto.

Logo que tomou esta resolução, apressou-se a escrever a seu pãe, levou em mão propria a carta a Peters, recommendando-lhe que partisse ao romper do dia, e declarou que a velha Isabel lhe faria companhia no castello. João Stamps, com quem teve uma larga conferencia, prometeu não dizer cousa alguma a sir Ricardo; e feitas estas disposições preliminares, preparou-se, com certa commoção, para representar o papel de protectora.

Uma circumstancia especial favorecia as suas intenções: quando o resultado da lucta era ainda duvidoso, sir Croffort, receiando ser surprehendido por alguma partida de cavalleiros, mandára abrir certos caminhos que punham em communicação todos os quartos do castello, e davam logar a que, pelos subterraneos, se pudesse fugir para o campo. Era de resto uma cautela vulgar n'aquelles tempos de guerra civil; e a maior parte das residencias dos nobres estavam construidas de modo que facilitavam a fuga dos proprietarios, e proporcionavam segura acolheita aos foragidos.

Aproveitando, logo na manhã seguinte, a occasião em que Isabel saíra, tomou por corredores escusos, e chegou ao pé do aposento em que seu primo dormia.

Tinha-se arranjado uma porta mesmo no centro das parteiras carregadas de velhos livros. Parou ali, e poz-se a escutar. Não se ouvia outra bulha, senão a da respiração forte e regular do fugitivo. Helena conservou-se algum tempo immovel, e com a cabeça inclinada; o coração arfava-lhe com violencia; occorreu-lhe o que João dissera na vespera: quiz ver que alteração haviam produzido em sir Ricardo tres annos de fadigas, de desgostos e de combates; finalmente não pôde resistir á curiosidade, e carregando sobre a mola occulta, a porta abriu-se vagarosamente.

O mancebo estava deitado vestido, no mesmo logar; mas as cortinas do antigo leito escondiam-no em parte. Aproximou-se miss Helena no bico do pé, e pôde observá-lo inteiramente.

A primeira vista de olhos tranquillizou-a. Com quanto Ricardo estivesse um pouco mais magro, e as intemperies das marchas e dos acampamentos lhe houvessem bronzeado o semblante, o seu todo revelava vigorosa saude. Socegada a este respeito, não lhe succedeu outro tanto em relação ao seu trajar. Seu primo, envolvido n'aquelles miseraveis farrapos, no proprio castello de seus antepassados, inspirava-lhe sincera compaixão. Saiu, e voltou o mais depresso que lhe foi possível, trazendo um fato elegante e

completo, que fôra buscar á guarda-roupa de seu irmão.

Na occasião em que o punha em cima de uma cadeira, sir Ricardo fez um movimento; assustada, dirigiu-se rapidamente para a porta secreta, e desapareceu; mas ainda chegou a ouvir um pequeno brado. O joven lord, meio estremunhado, julgára ver passar uma sombra. Sentou-se na cama, e olhou attentamente em torno de si. O aposento estava só. Os raios do sol, atravessando as cortinas, batiam de chapa na estatua de estanho, que parecia envolta em uma especie de nimbo mystico.

Sir Ricardo fitou os olhos n'esse simulacro, que, segundo a tradição, representára tão interessante papel na chronica da familia. Com quanto a idade e a experiencia o houvessem tornado menos credulo, não estava isento das antigas superstições a tal ponto que a presença d'aquelle palladio dos Lennark lhe não fizesse uma certa impressão. A sua fé infantil não apparecêra inteiramente; e quando se encontrou, em circumstancias tão singulares, frente a frente com a fada, sentiu-se tomado de vaga esperança, e meio a brincar, meio serio, disse consigo que talvez não lhe fosse desvantajoso recorrer á protecção da antiga estatua.

—A fallar a verdade! pensava o cavalleiro, mirando o fato todo roto, bastantes cousas tinha a pedir-lhe; mas por agora contentava-me com um corpeto decente, e uns calções sem redes. Nobre protectora dos meus antepassados, se tens alguns alfaiates ao teu serviço, encommenda-lhe um fato que possa sem vergonha vestir um nobre cavalleiro.

N'este momento, dando com os olhos na cadeira, que estava ao pé da estatua, soltou uma exclamação de surpresa. O fato, que pedira, estava ali, illuminado pelos mesmos raios de sol, que faziam brilhar a mysteriosa imagem.

Saltou da cama abaixo, correu á cadeira para se certificar da realidade. Era com effeito um vestuario novo e completo!

Estava-o ainda examinando quando João entrou. Perguntou-lhe se fôra elle que ali puzera aquelle fato.

—Eu! disse Stamps, arregalando os olhos, estupefacto; eu sabia cá onde o havia de ir buscar!

—Então entrou aqui alguem em quanto eu estive a dormir, redarguiu Lennark.

—Ninguem, milord, tornou o caseiro; posso jurar-o, porque fechei eu mesmo a porta, e levei a chave, que dormiu comigo debaixo do travesseiro.

—Entretanto eu tenho a certeza de que vi, quando abri os olhos, uma especie de phantasma! exclamou Ricardo.

—Um phantasma! repetiu João, recuando aterrado.

—E affigurou-se-me que apparecêra por aquella parede, ao lado da estatua.

—Deus seja connosco! era ella de certo! disse Stamps.

—Querem ver, tornou o joven lord a rir, que pretendes convencer-me de que foi ella que me trouxe estes esplendidos vestidos, porque gracejando lh'os pedira!

—Milord pediu-lh'os? repetiu João.

—E n'esse mesmo momento os vi em cima da cadeira!

O camponeo convencido, disse que não havia duvida alguma de que fôra aquelle um novo prodigio da protectora dos Lennark. Cheio de fé na mysteriosa estatua, e ignorando as serventias secretas do castello, nem sequer lhe lembrou que tudo fosse devi-

do a miss Helena, a qual sabia com toda a certeza estar aposentada no outro corpo do edificio.

A sua convicção, corroborada pelas antigas tradições da casa não se communicou completamente a sir Ricardo, mas lançou-lhe no espirito algumas duvidas. Entretanto não hesitou em vestir o fato que mão desconhecida lhe offerecêra; e depois de almoçar, e de indagar de João o estado das familias realistas d'aquellas visinhanças, com quem conservava relações, aproveitando a occasião em que os trabalhadores haviam partido para os campos, montou a cavallo afim de lhes fazer visita. A sua idéa era saber tambem se se haviam abandonado todos os projectos de resistencia; e n'esta hypothese, pedir-lhes os meios de embarcar para França.

O negocio era da maior urgencia; por quanto sir Ricardo estava envolvido no processo instaurado depois da derrota do partido em que militára, e fôra condemnado á morte, havendo ordem de se executar a sentença, sob o simples reconhecimento da identidade de pessoa.

Sir Ricardo demorou-se na sua excursão até á noite; quando voltou ao castello achou a casa, que escolhêra, transformada. Os moveis estavam cuidadosamente limpos; varios objectos de seu uso outr'ora tinham sido para ali conduzidos, e devidamente collocados. Sobre os bufetes viam-se soberbas jarras de porcelana cheias de flores; na chaminé havia um excellente brazeiro, que alegrava e aquecia a vasta quadra.

Stamps, interrogado pelo amo, jurou que nada tinha feito, e alludiu novamente á estatua; mas sir Lennark fel-o calar, já um pouco descontente.

(Continúa.)

NAVIO COLOSSAL.

No mez de dezembro do anno proximo findo lanço-se ao mar, dos estaleiros de Boston, nos estados unidos da America, um navio de proporções verdadeiramente colossaes.

Este navio tem quatro mastros, e chama-se *Great Republic* (grande republica). É do porte de 4:500 toneladas (60:750 quintaes), e a sua equipagem deve compor-se de cem pessoas.

Tem o *Great Republic* 325 pés de comprimento, 53 de bóca, e 39 de altura, contada da sobrequilha até á abertura da escotilha grande.

Sobre o convez está collocada uma machina de vapor movel, por meio da qual serão executadas as manobras mais pezadas.

A lancha grande, munida de um helice, está construida de sorte que, dado o caso de necessidade, poderá receber a seu bordo aquella machina, e até rebocar o proprio navio!

O *Great Republic* e o *Himalaya*, vapor de 3:600 toneladas, pertencente á companhia peninsular e oriental, são hoje os maiores vasos que surcam as aguas do oceano.

PRINCIPIOS NUTRITIVOS DOS DIVERSOS ALIMENTOS.

Os srs. Schlossberger e Kemp fizeram a analyse de um grande numero de substancias animaes e vegetaes, para determinar o seu valor nutritivo, deduzido sobre tudo, senão exclusivamente, da proporção de azote, que ellas contêm. Pareceu-nos mui

curiosa esta nota, e por isso nos apressámos a publical-a. O leite da mulher foi tomado como typo, representando-se o seu valor alimenticio pelo numero 100.

Substancias animaes.

Leite humano	100
Leite de vacca	237
Queijos diversos	331 a 447
Enguia cozida	428
Ameijoas, idem	660
Presunto, cru	539
Presunto, cozido	807
Salmão, idem	710
Gemma de ovo	305
Pombo, cozido	755
Carneiro, idem	852
Vitella, idem	911
Carne de vacca, idem	942

Substancias vegetaes.

Arroz	81
Batatas	84
Nabos, centeio	106
Milho, cevada	125
Aveia	138
Pão alvo	142
Trigo	119 a 144
Cenouras	150
Pão de rala	166
Cogumellos	201 a 289
Hervilhas	239
Lentilhas	276
Feijões	283

EPIHEMERIDES HISTORICAS.

MARÇO. 1

1517 — Descoberta do Yucatan pelos hespanhoes.

2

1587 — Lastimoso naufragio do galeão *Santo Alberto*, na costa do Natal.

3

1580 — Philippe II sae de Madrid para vir tomar posse da corôa de Portugal.

300 — Imperando Diocleciano foram martyrisados em Evora S. Felix, e dous companheiros.

4

1604 — Morte de Jorge de Cabedo de Vasconcellos, erudito praxista portuguez.

5

1811 — Massena evacua as linhas de defeza de Lisboa.

6

1348 — Morte do famoso arcebispo de Braga D. Gonçalo Pereira.

7

1808 — Chega a familia real portugueza ao Rio de Janeiro.

8

1495 — Nasce em Montemor o Novo S. João de Deus, o grande patriarcha da hospitalidade, como lhe chama o *Anno Historico*.

9

1451 — Nascimento de Americo Vespucio, que deu o seu nome a uma das partes do mundo.

10

1727 — Morte de Newton.

11

222 — Assassinato do imperador Heliogabalo.

1557 — Antonio Galvão, tendo praticado illustres fei-

tos de armas no Oriente, fallece no hospital de Lisboa, onde jazêra dezeseite annos, havendo por unica recompensa dos seus eminentes serviços e honradez o desfavor e o desprezo da côrte.

12

1809 — Tomada de Chaves pelos francezes.

13

1778 — Luiz XVI notifica á Inglaterra o tratado que celebrára com os estados unidos.

14

1571 — Defendem-se os portuguezes em Gôa contra todo o poder do Hídalcão, que foi obrigado a retirar-se, depois de soffrer immensa perda.

15

1283 — Deposição de Pedro II, de Aragão, pelo papa.

16

1561 — O jesuita Gonçalo da Silveira, portuguez, morre martyrisado em Monomotapa.

17

32 — Nasce o imperador Nerva.

18

1654 — Chega a Lisboa a noticia de ser restaurada Pernambuco do poder dos hollandezes.

19

1563 — Edicto de Nantes em favor dos protestantes.

20

1665 — Batalha em Valença contra os hespanhoes.

21

1083 — Tomada de Roma pelo imperador Henrique IV.

22

1622 — Canonisação de S. Ignacio de Loyola, fundador da companhia de Jesus.

23

1808 — Madrid é occupada pelos francezes.

1542 — Antonio de Faria e Sousa entra á força de armas a cidade de Nauday, na China.

24

1660 — É conquistada pelos portuguezes a ilha de Balzar, junto da praça de Damão, na India.

25

1504 — O grande Duarte Pacheco Pereira, com 150 portuguezes, obra prodigios de valor em Cochim, contra as numerosas tropas do Çamorim.

26

1834 — Ataque de Santo Thyrso, cêrca do Porto.

27

1799 — É prezo o papa Pio VII por ordem do directorio.

28

1515 — Nasce Santa Thereza de Jesus, em Avila.

1799 — Os francezes occupam Florença.

29

1607 — A fortaleza de Moçambique, de que era capitão D. Estevão d'Athaide, defende-se, por espaço de mais de dous mezes, contra consideraveis forças navaes e terrestres dos hollandezes, que a final tiveram de abandonar a empreza, reembarcando nas suas naus, tendo porém antes lançado fogo á cidade.

30

1570 — Fallece em Lisboa D. João Bermudes, natural de Braga, patriarcha de Alexandria, o primeiro que houve na Ethiopia depois que lá entraram os portuguezes.

31

1815 — Murat proclama a independencia da Italia.